

As Humanidades na Universidade

ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO
Centro de Estudos Clássicos, Universidade de Lisboa, CEFi – UCP

1. Domínios e áreas do conhecimento

Ainda não há muito tempo, num documento da Fundação para a Ciência e Tecnologia lia-se que as áreas a ter em consideração para financiamento nos concursos a bolsas eram as seguintes: «FCT funds all areas of knowledge, including exact, natural and health sciences, engineering, social sciences and humanities». Segundo esta versão, dada como ultrapassada, a classificação dos domínios do conhecimento a ser usada seria, em português, a seguinte: (1) Ciências Exatas, (2) Ciências Naturais e da Saúde, (3) Engenharia, (4) Ciências Sociais, (5) Humanidades.

Outras classificações, porém, eram utilizadas como norma a seguir, uma das quais baseada numa revisão do modelo apresentado no Manual de Frascati, feita em maio de 2006: “Revised classification of Fields of Science and Technology (FOS)”. Segundo este modelo, adotado em Portugal em 2007, a “Classificação de Domínios Científicos e Tecnológicos” engloba seis grandes áreas: (1) Ciências exatas e naturais, (2) Ciências da engenharia e Tecnologias, (3) Ciências médicas e da Saúde, (4) Ciências

agrárias, (5) Ciências sociais, (6) Humanidades. Cada um dos domínios ou «grandes áreas» é especificado em «áreas». Assim, cingindo-nos ao domínio das Humanidades, é a seguinte a sua especificação em áreas:

«6.1 – História e arqueologia

História (*história da ciência e tecnologia a classificar em 6.3, história específica das ciências a classificar nas respectivas áreas*); arqueologia.

6.2 – Línguas e literaturas

Estudos gerais da linguagem; línguas específicas; estudos gerais da literatura; teoria literária; literaturas específicas; linguística.

6.3 – Filosofia, ética e religião

Filosofia, história e filosofia da ciência e tecnologia;

Ética (*ética relacionada com subdomínios específicos a classificar nas respectivas áreas*); teologia; estudos da religião.

6.4 – Artes

Artes, história da arte; design e arquitectura; estudo das artes da representação (música, teatro e dramaturgia); estudos de folclore;

Estudos de cinema, rádio e televisão.

6.5. Outras humanidades.»

Perante este documento, a primeira observação que se impõe é que o «domínio» das Humanidades inclui os antigos conteúdos da designação clássica de Artes e Humanidades. Diga-se em abono da verdade que, como veremos, esta designação já na Antiguidade Clássica aparecia abreviada em *Humanitas* (Humanidades). «Artes y Humanidades» é, no entanto, a designação usada nas universidades espanholas. Usando, pois, uma ou outra designação, estamos a falar, substancialmente, dos mesmos conteúdos e do mesmo conceito.

Um segundo aspeto digno de ser notado é que a classificação científica seguida nas universidades espanholas contempla apenas cinco domínios ou «ramos»: (1) Artes y Humanidades, (2) Ciencias, (3) Ciencias de la Salud, (4) Ciencias Sociales y Jurídicas; (5) Ingeniería y Arquitectura.

Este enquadramento era necessário para definir com clareza onde nos situamos quando dizemos «Humanidades». Além disso, ao longo destas reflexões sobre o tema expresso no título, visitaremos as universidades que integram o Espaço Europeu de Ensino Superior, onde deparamos com designações similares às que acabo de referir: «Scienze Umanistiche»,

«Sciences Humaines», «Humanities», «Geisteswissenschaften», etc. Seria muito limitativo dar apenas a perspetiva das universidades portuguesas sobre as Humanidades, como se elas continuassem dobradas sobre si mesmas e isoladas do resto do mundo. Felizmente as nossas salas de aulas contam cada vez mais com a presença de alunos de vários países, enquanto, por sua vez, os nossos alunos vão fazer «Erasmus» a universidades estrangeiras e os nossos centros de investigação se aliam com outros centros em projetos internacionais financiados. Falo, é claro, do domínio das Humanidades¹. Tendo em vista a integração plena de Portugal no Espaço Europeu de Ensino Superior, as universidades portuguesas procederam a uma remodelação dos cursos e dos programas, dos objetivos e dos métodos de avaliação, que teve como consequência uma aproximação efetiva entre elas e as outras universidades europeias. E as Humanidades só tiveram a ganhar com essa transformação.

A reflexão sobre a classificação das áreas do conhecimento vem de muito longe. Uma tradição bimilenar distinguiu na árvore dos saberes um ramo que designou como *artes quae ad humanitatem pertinent*² («saberes que dizem respeito à humanidade»), *studia humanitatis ac litterarum*³ («estudos de humanidade e de letras»), *studia humanitatis* («estudos de humanidade»), *artes quibus aetas puerilis*⁴ *ad humanitatem informari solet*⁵ («saberes com que é habitual formar os jovens para serem homens»), *liberalissima studia*⁶ («estudos liberais»), ou simplesmente *humanitas*⁷ («humanidade») ou *litterae*⁸ («letras»), conceito e conteúdos que os humanistas subsumiram na designação, corrente a partir do Renascimento, de *Litterae Humaniores* – «Letras mais Humanas» –, designação que a Universidade de Oxford reservou para o curso de Clássicas. Entendido à letra, o significado

¹ Menciono apenas dois, pela envolvimento que tiveram: Projeto *Escaligero*, liderado pela universidade de Granada e que contou com a participação de investigadores da Universidade Católica Portuguesa (Braga), e das Universidades do Minho, de Aveiro e de Lisboa. A decorrer está o projeto *Europa Renascens*, que envolve universidades de Espanha, Itália, França, Bélgica e Portugal (de Lisboa, de Aveiro, do Minho e da Madeira).

² Marco Túlio Cícero, *Pro Archia*, 2, 5.

³ Marco Túlio Cícero, *Pro Archia*, 3, 12.

⁴ Na visão romana das idades da vida, a «idade pueril» cessava aos dezassete anos.

⁵ Marco Túlio Cícero, *Pro Archia*, 4, 5-6.

⁶ Marco Túlio Cícero, *Pro Archia*, 4, 9-10.

⁷ Marco Túlio Cícero, *De Oratore*, I, 71, 3.

⁸ Marco Túlio Cícero, *In Verrem*, II, 4, 98.

de *humanitas* envolve a qualidade ou natureza do que é próprio do Homem, tanto como virtude (compaixão, benevolência, humanidade), como conjunto de saberes ou disciplinas que dizem respeito ao ser humano e à sua formação. É isso o que se deduz dos passos de Cícero acima citados. Cerca de duzentos anos após a morte de Cícero, em pleno séc. II, Aulo Gélíio sentiu-se na obrigação de desfazer essa ambiguidade que pairava sobre o significado de *humanitas*, esclarecendo que «*humanidade* não é o que o vulgo pensa nem o que os Gregos dizem com a palavra filantropia, mas aquilo a que eles chamam educação (*paideia*)»⁹. Assim, na percepção greco-romana do significado etimológico de «Humanidades», está inscrita a sua função primordial: constituir o molde da formação humana. Por isso, «De entre todos os animais – continua Aulo Gélíio – só ao homem foram dadas a procura e a aprendizagem desta ciência e é por isso que ela se chama Humanidade(s)»¹⁰.

Incluía-se neste ramo do conhecimento, *grosso modo*, os géneros literários definidos por teorizadores gregos e romanos – o épico/narrativo, o dramático, o lírico, o oratório, e bem assim o género didático, do qual emerge a sapiência, a *sophia*, transmitida oralmente ou reduzida a escrito, considerada como raiz e plenitude do saber sobre o Homem, a natureza, a constituição do universo que o rodeia e as formas da sociedade em que vive mergulhado, da antropologia à filosofia, à física, à metafísica, à cosmografia, à política, à geografia, à gramática e à retórica. O princípio que a tudo preside é o de que «O Homem é a medida de todas as coisas, das que são e das que não são»¹¹. Ele é também o centro. Nele convergem os esforços da construção de um saber que lhe aponte o caminho da felicidade. Prepará-lo para a realização do seu ser como Homem passa pela educação, pela *Paideia*, pela *Humanitas*, pois são os valores da *Humanitas* que lhe gravam no íntimo da mente o sentido da dignidade, da responsabilidade, da *Eleutheria*, «a Liberdade», e do primado da consciência.

⁹ «'humanitatem' non id esse (...) quod uolguis existimat quodque a Graecis φιλοφροπία dicitur (...), sed quod Graeci παιδείαν uocant (...)» (Aulo Gélíio, *Noctes Atticae*, XIII, xvii, 1, 2-6).

¹⁰ «Huius enim scientiae cura et disciplina ex uniuersis animantibus uni homini datast idcircoque 'humanitas' appellata est» (Aulo Gélíio, *Noctes Atticae*, XIII, xvii, 1, 8-10).

¹¹ «πάντων χρημάτων μέτρον ἐστὶν ἄνθρωπος, τῶν μὲν ὄντων ὡς ἔστιν, τῶν δὲ οὐκ ὄντων ὡς οὐκ ἔστιν»: «O homem é a medida de todas as coisas: das que são, naquilo em que são, e das que não são, naquilo em que não são» (Protágoras de Abdera, *Fragmenta*, SECT. adv. math. VII 60).

As *Humanidades* são assim designadas porque confluem no Homem ou, por outras palavras, porque derivam de uma conceção antropocêntrica da cultura, do saber e do ensino. Podemos afirmar, genericamente, que esta conceção foi assumida pelo pensamento medieval, sem dúvida tributário do humanismo bíblico que a sublimou com a imagem do Homem criado à semelhança de Deus, quase igual aos anjos em dignidade: *Minuisti eum paulo minus ab angelis, gloria et honore coronasti eum et constituisti eum super opera manuum tuarum*¹². Foi esta mesma visão que prevaleceu no humanismo cristão do Renascimento.

Mas o pior que nos podia acontecer como herdeiros e detentores de uma tal civilização assente nos valores humanistas seria ficarmos suspensos no tempo a olhar para o passado. Na verdade, novos modelos estruturantes das *Humanidades* têm sido incrementados pela evolução das mentalidades e pela hegemonia imparável conquistada pela tecnologia. É justo reconhecer que, neste esforço por se adaptar ao presente e corresponder aos desafios do futuro, a Universidade se tem assumido como fiel guardiã da tradição humanística e principal «*officina Hominum*»¹³ e ao mesmo tempo como promotora do universo do conhecimento e do saber em todas as dimensões. Não sem algumas dificuldades, diga-se de passagem, quanto à preservação dos cursos de *Humanidades*, em sentido estrito e em toda a sua grandeza.

Ilustro o meu ponto de vista com o relato das impressões de uma viagem a León, para participar no congresso da Sociedade Espanhola de Estudos Latinos, durante o qual se realizou também uma reunião de trabalho do Projeto *Europa Renascens*, que conta com a participação institucional de quatro universidades portuguesas. Primeiro ponto a registar em favor da dinâmica de um sector das *Humanidades* nas universidades portuguesas em geral: o envolvimento em congressos e projetos internacionais, com tudo o que isso implica de benefícios resultantes da investigação em rede e do contributo para a construção de uma Europa comum, fundamentada no património e nos valores do Humanismo. Aproveitando a viagem a León, passei mais uma vez por Valladolid para tirar umas fotografias à

¹² Salmo 8, 6-7: «Tu o fizeste pouco inferior aos anjos, de glória e honra o coroaste, e deste-lhe o poder sobre as obras das tuas mãos».

¹³ Coménio, *Didática Magna* (Tradução do texto latino de Joaquim Ferreira Gomes), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2015^o, p. [155].

fachada barroca, artisticamente célebre, do edifício da universidade. Mas o que me interessava mais, já na perspectiva de escrever este artigo, era o significado alegórico e o valor documental das estátuas das artes e ciências aí esculpidas. Elas constituem, de facto, um documento valioso para a história da evolução do ensino universitário. No alto da fachada, numa espécie de templete, domina a Sabedoria, a encimá-las e ao mesmo tempo a mantê-las sob a sua égide, regendo-as e unificando-as. Abaixo dela, na balaustrada superior, ao nível da cobertura, estão dispostas, da esquerda para a direita de quem olha, a Astrologia, a Medicina, a Filosofia e a História. A astrologia tem o olhar voltado para o céu, como que a observar a abóbada celeste, que com alguma probabilidade podemos entender como alusão ao tratado de Sacrobosco que continuava a estudar-se na aula de *Esfera*. A Filosofia, pelo contrário, dirige o seu olhar para o globo terrestre para o qual aponta com uma das mãos.

No corpo inferior da fachada, do lado esquerdo de quem entra, está representada a Retórica, com uma cornucópia cheia de frutos que simboliza sem dúvida a importância que lhe é reconhecida nos estudos universitários; do lado direito, a Geometria. No nível intermédio, também uma de cada lado, com a Teologia no meio sobre a porta da entrada, estão as figuras alegóricas do Direito Canónico e do Direito Civil, evidenciando a existência em Valladolid, tal como em várias universidades europeias, Coimbra, por exemplo, de uma Faculdade de Cânones (Direito Canónico) e outra de Leis (Direito Civil).

A primeira característica a salientar neste modelo é a concepção do saber como um todo, sob a preeminência tutelar da Sabedoria, concepção que não se compadece com divisões estanques à moderna entre ramos, áreas e subáreas. Mesmo assim é claro que se identifica já um esboço de catalogação dos saberes por domínios diferenciados: ciências exatas, ciências da saúde, ciências jurídicas e humanidades. De notar também é que já neste esquema o plano curricular das humanidades, simbolizado na figura da Retórica, não ia além do latim e do grego (e às vezes do hebraico), da leitura comentada dos textos úteis para aquisição teórica e prática da retórica e da poética, e de uma certa bagagem cultural obtida na leitura de Salústio, Tito Lívio, etc., na aula de história. A Filosofia, na esteira de Aristóteles, voltada como estava para o estudo das questões da natureza, contribuía para as Humanidades apenas com o estudo da ética e da lógica.

A finalidade do curso era formar alguém capaz de pensar e argumentar, com um desempenho perfeito na eloquência e na escrita, apto a intervir ativamente na sociedade em que vivia, vindo a ser idealmente um *uir bonus dicendi peritus*, para usar um princípio que se tornou proverbial formulado por Catão (234-149 a.C.) nas exortações concebidas para a educação do seu filho¹⁴. Em suma, um homem preparado para assumir responsabilidades e exercer altos cargos na administração do Estado.

A Teologia que, por seu lado, era considerada indispensável para a formação do ser humano enquanto *homo religiosus*¹⁵, e que ocupa um lugar de relevo na fachada do edifício setecentista, nem sequer tinha lugar na Universidade de Valladolid quando foi fundada em finais do séc. XIII, porque o seu ensino, considerado matéria reservada à formação de futuros clérigos, continuava a ser ministrado pela Colegiada. Uma outra explicação possível é que a Sé Apostólica, para salvaguarda da ortodoxia, dificilmente derrogava o privilégio, concedido à Universidade de Paris, do ensino dessa ciência. Nada de estranhar, pois o mesmo acontecia por determinação da bula *De Statu Regni Portugaliae* (1290) de Nicolau IV, que reconhecia e aprovava a recém-fundada Universidade de Lisboa, com o ensino das Artes Liberais (*Artibus*), Direito Canónico, Direito Civil (*Jure Canonico, et Civili*) e Medicina (*Medicina*)¹⁶, excluindo expressamente o ensino da Teologia da competência da universidade: «in facultate quacumque, Theologica duntaxat excepta»¹⁷.

Mas deixemos a fachada barroca da Universidade de Valladolid, com o seu programa escultórico e publicitário voltado para o passado, já em época de grandes transformações e de surpreendentes descobertas científicas, e visitemos, trezentos anos depois da sua construção, o portal do *site*, nova «fachada», não de pedra mas eletrónica, de uma novíssima universidade

¹⁴ Marco Pórcio Catão, *Fragmento XV*.

¹⁵ Marco Túlio Cícero, *In Pisonem*, 28, 4-5.

¹⁶ «Scholares in artibus et jure Canonico, et Civili, ac Medicina» (*Bullarum, Privilegiorum ac Diplomatum Romanorum Pontificum Amplissima Collectio*. Opera et studio Caroli Cocquelines. Tomus tertius, pars secunda, Romae, MDCCXXI, p. 62).

¹⁷ «Et quicumque Magister in Civitate praefata per Episcopum, vel Vicarium supradictos examinatus et approbatus fuerit in facultate quacumque, Theologica dumtaxat excepta, ubique sine alia examinatione regendi liberam habeat potestatem» (*ibidem*). Veja-se ainda Luís de Albuquerque, in Joel Serrão (Dir.), *Dicionário de História de Portugal*, s.v. «Universidade», Porto, Figueirinhas, 1981, vol. 6, p. 229.

fundada na mesma cidade em 2002, batizada com um nome, «Universidad Europea Miguel de Cervantes», que ressuma espaço europeu e espírito humanista. O que se nos depara neste portal-fachada para os novos tempos é um mundo totalmente diferente. Em poucos instantes desfila diante dos olhos do visitante uma lista de dezassete cursos, licenciaturas, que oscilam entre as engenharias, a sociologia e as ciências da saúde, em sentido lato: Engenharia Informática, Tecnologia e Inovação Alimentar, Ciências do Ambiente, Ciências da Atividade Física e do Desporto, Fisioterapia, Odontologia, Administração de Empresas, Turismo, Jornalismo, Criminologia, etc. Em suma, as universidades, ou melhor, a Universidade não podia deixar de não só integrar no universo dos seus cursos o desenvolvimento das tecnologias (sejam elas da informática, da saúde, da comunicação ou da gestão), que em muitos casos ela própria criou ou ajudou a criar, mas também de proceder à reequação permanente dos vários problemas «societais» que foi, quase sempre, a primeira a identificar e a definir enquanto área de saber. Sob este ponto de vista, há que reconhecer que a Universidade dos nossos tempos soube estar à altura da sua missão. Recordo como anedota longínqua a decisão, tomada pelo conselho científico de uma faculdade portuguesa, de recusar a criação de licenciaturas na área do jornalismo e do turismo, por não lhes reconhecer estatuto de conhecimento universitário.

Há um outro aspeto que salta aos olhos na comparação da fachada setecentista, edificada pelos anos de 1716-1718, com o correspondente portal eletrónico da atualidade. Complementarmente à informação apelativa com a colagem oportuna de *Europea* à designação da universidade, publicita-se o bom nível de empregabilidade dos cursos, assegurando que os planos de estudo estão concebidos para corresponder às exigências requeridas pelas empresas e acenando até com empregos altamente qualificados, entenda-se, bem remunerados. Por um lado a Universidade procura atrair um público internacional; por outro, aposta fortemente no mercado interno. Esta é uma condição a que as universidades estão sujeitas e que condiciona a sua capacidade financeira e, conseqüentemente, a sua liberdade de desenvolver equilibradamente as áreas de ensino e investigação que se praticam nas suas várias faculdades. No caso das humanidades, conhecem-se ensaios de atropelamento sistemático, em que uns departamentos e centros de investigação invadem as áreas de outros especializados em determinada área, recorrendo com alguma falta de imaginação a designações de

substância duvidosa ou indefinida, mas pretensamente enobrecidas com o adjetivo *européu*. Talvez seja o preço a pagar pela avalanche da renovação do sistema.

2. «Dimensão Europeia do Ensino Superior»¹⁸

Há um documento de referência, esse realmente europeu porque define linhas gerais sobre a Dimensão Europeia do Ensino Superior. Uma análise deste documento pode aconselhar alguma moderação no recurso às panaceias e miragens que visam convencer a juventude do que se julga ser o espírito e o objetivo da mudança que é necessário fazer no ensino superior, se queremos engrenar nos desafios que a modernidade nos lança.

A estrutura argumentativa do documento, a qual tem como objetivo proclamar e inculcar a necessidade e urgência da criação de «um novo espaço europeu de ensino superior», assenta em palavras-chaves, expressões e estereótipos que se imponham por si mesmos. O primeiro argumento, o mais forte, é constituído pela insistência em tornar claro o conceito e os contornos do objeto a criar, «um espaço europeu de ensino superior», imagem que, repetida como um *slogan*, se desdobra em outras expressões sinónimas, que por sua vez geram outros *slogans* e imagens com conotações complementares: «Área Europeia do Ensino Superior», «Europa do Conhecimento», «Processo de Bolonha», «marco social e do bem público europeu», «colaboração académica entre as instituições europeias». Respeitando embora a diversidade de ensino de cada país, o que se pretende propriamente é tornar compatíveis «os paradigmas educacionais existentes», de modo a «criar uma Europa mais abrangente, transparente, acessível e completa».

O segundo argumento, igualmente poderoso, é o que se fundamenta no princípio de que um ensino europeu compatível, nas várias regiões, em termos de «duração», «estrutura curricular» e «reconhecimento de qualificações», produzirá uma «eficácia cada vez maior», promoverá «a competitividade», facilitará «a mobilidade» durante a formação e, conseqüentemente,

¹⁸ Documento divulgado pela Direção-Geral do Ensino Superior, Ministério da Ciência e Tecnologia e Ensino Superior: <http://www.dges.mctes.pt>.

há de gerar maiores possibilidades de emprego, graças à equivalência dos graus obtidos em qualquer universidade do «Espaço Europeu». Enfim, neste argumento estão reunidas as três bandeiras que têm sido arvoradas nos portais e nos anúncios publicitários da maioria das universidades: «a competitividade, a mobilidade e a empregabilidade» dos cursos que ministram. Que esta «trindade» contribuirá para reduzir «as desigualdades sociais quer a nível nacional quer ao nível europeu», como diz o documento, é um objetivo que se tem concretizado de forma muito assimétrica. Está na memória de todos nós a emigração recente e continuada de diplomados em enfermagem para o Reino Unido. Também são frequentes as notícias de doutorados na área das Ciências que se radicaram nos países para onde se deslocaram a fim de fazerem os seus doutoramentos ou pós-doutoramentos. Os motivos do seu não regresso são a empregabilidade, as condições de trabalho e as remunerações salariais¹⁹.

Mas é caso para perguntar: e nos outros ramos do saber? Que se passa, especificamente, no ramo das Humanidades? Em que é que se têm reduzido «as desigualdades sociais quer a nível nacional quer ao nível europeu»?

Deixando de lado a faceta argumentativa que visa promover «um espaço económico mais dinâmico», assegurar «um crescimento económico sustentável» e potencializar «o desenvolvimento socioeconómico», passemos ao terceiro argumento, aquele que usa um vocabulário mais consentâneo com os fins reconhecidos, desde sempre e em todas as culturas, às Humanidades. Fala-se, efetivamente, de «promover o rosto humano do nosso continente», aponta-se para uma «maior coesão social» e salienta-se aquela que é uma das funções mais imprescindíveis das Humanidades²⁰, ou seja, neste caso a que consiste em «preservar a riqueza cultural e a diversidade linguística da Europa». Isto significa que se admite, sem mais, que a construção da Europa, assente na «herança diversificada de tradições», não pode fazer-se sem o desenvolvimento da consciência coletiva do património comum e dos valores humanistas que a tornaram sustentável ao longo de muitos séculos. Preservar, transmitir e formar essa consciência são as funções que se

¹⁹ Cf. http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=842517 (consultado em 17-09-2016).

²⁰ «The humanities come in different forms. They have a memory function by keeping alive the works from the past and the present (...). They have an educational function by teaching these works to new generations. They have a critical function by interpreting these works (...).» (Rens Bod, *A New History of the Humanities*, Oxford, University Press, 2013, p. 2).

reconhece caberem às Humanidades quando se fala de «desenvolvimento dos cidadãos», de «cidadania ativa e de valores éticos», de «enriquecimento da cidadania europeia», de «consciência de valores partilhados» e de «espaço cultural comum». Chamo a atenção para o uso da expressão «valores éticos»: são raríssimos os portais das universidades que se referem à formação ética na publicitação dos seus cursos, ao contrário do que sucede com substantivos como «competitividade» e «empregabilidade». Uma coisa não exclui a outra. Voltarei a este ponto.

Em conclusão: este documento-guia que define a «Dimensão Europeia do Ensino Superior» não pode ser invocado para subalternizar as Humanidades em nome de uma leitura restritiva da construção e consolidação da Europa. Não há fundamento para que uma universidade, proclamando-se aderente ao «Espaço Europeu de Ensino Superior», sinta que, para o ser realmente, deve banir dos seus cursos o ramo das Humanidades ou, pelo menos, reduzi-lo a umas tantas disciplinas auxiliares de peso insignificante. O conhecimento é um todo e só são verdadeiras universidades as que albergam o «todo», o «universo» do saber.

Posto isto, passemos em revista qual é a situação das Humanidades nesse «Espaço Europeu de Ensino Superior» que se considera implantado desde 2010, mais ou menos. Começemos por Espanha. A primeira observação digna de nota é que as universidades espanholas, pelo menos a maior parte se não todas, se reclamam da sua condição de aderentes ao «Espaço Europeu»: «La UCA ofrece 44 nuevos estudios de Grado y 19 dobles grado adaptados al modelo de Espacio Europeo de Educación Superior»²¹; «Desde el curso 2010-2011 en la Universidad de Granada se imparten Títulos Oficiales de Grado, siguiendo las directrices del Espacio Europeo de Educación Superior (EEES)»²²; «Fue fundada en 2002, por lo que se adaptó al Espacio Europeo de Educación Superior de forma inmediata»²³. E basta de exemplos.

Tendo em conta esta adesão ao «Espaço Europeu», declarada em termos tão convincentes, resta-nos perguntar em que medida ela se concretizou no que diz respeito às Humanidades. Voltemos pois à velha Universidade de Valladolid.

²¹ <http://www.uca.es> (consultado em 8-09-2016).

²² <http://www.ugr.es> (consultado em 8-09-2016).

²³ <http://www.uemc.es/p/la-uemc> (consultado dia 22-08-2016).

O ramo de Arte y Humanidades engloba dez cursos / licenciaturas. Dominam as Línguas e literaturas, com os Estudos Clássicos à cabeça e, no fim, a Tradução celebrada pelos humanistas como atividade de grande importância para a implementação dos *studia humanitatis*²⁴. A Filosofia e a História são, com toda a justeza, admitidas como membros de pleno direito na área das Humanidades. Delas fazem parte também a Ordenação do Território. Ao todo: oito licenciaturas. Ao sector da Arte ficam a pertencer as duas restantes: «Historia del Arte» e «Historia y Ciencias de la Música». A Música, aliás de acordo com a sensibilidade moderna, transitou da Matemática para a Arte²⁵.

Quanto aos outros três ramos – «Ciencias, Ciencias de la Salud, Ciencias Sociales y Jurídicas, Ingeniería y Arquitectura» –, noto como facto digno de atenção o recurso frequente, no meio de uma grande diversidade de opções, às licenciaturas conjuntas ou graduações duplas («dobles grados»), que reúnem num só programa duas ou três licenciaturas, como é o caso do «Programa de estudios conjunto de Grado en Publicidad y Relaciones Públicas y Grado en Turismo», do ramo das Ciências Sociais. Embora na Universidade de Valladolid não tenham sido fomentados os «dobles grados» no ramo de Arte y Humanidades, o certo é que há outras universidades em Espanha que recorreram a essa prática em abundância. Há modelos em que, regra geral, a segunda licenciatura é a de «Estudios Ingleses». Esta associação é de tal modo constante que nos leva a pensar que o seu objetivo principal é potenciar o grau de empregabilidade das licenciaturas tradicionais que, à primeira vista, deviam sustentar-se no meio empresarial sem o apêndice dos estudos ingleses. Na verdade, o ensino do inglês desde a infância, como língua da globalização, permitiria uma maior incidência da preparação na área específica da licenciatura principal, que de outra maneira sairá empobrecida ou descaracterizada.

²⁴ Cf. Carlo Carena, «Erasmus alle prese col Nuovo Testamento», *Latinitas*, Pontificia Academia Latinitatis in Ciuitate Vaticana, series noua, I, MMXIII, uolumen unicum, 87-97.

²⁵ Esta tendência, que germinou em Aristóxeno, discípulo de Aristóteles (cf. Rens Bod, *A New History of the Humanities*, Oxford, University Press, 2013, pp. 37-41), acabou por ser suplantada pela da escola pitagórica. Com efeito, a *Musica* foi considerada como uma das disciplinas da Matemática por Marciano Capela (séc. V) e por Cassiodoro (séc. VI) que apresenta a seguinte sistematização da área da matemática: *Quarto de mathematica, quae quatuor complectitur disciplinas, id est arithmetiam, geometricam, musicam et astronomicam* (M. Aurelii Cassiodori, *De Artibus ac Disciplinis Liberalium Litterarum* (PL, 70: 1151D).

Isto sem negar que as «Ciencias Sociales y Jurídicas», voltadas para as necessidades geradas nos mais variados domínios da economia e da finança, da banca, da gestão empresarial, do comércio, da indústria, dos recursos humanos, das relações laborais, das relações públicas, da comunicação social, da publicidade, do turismo e da educação infantil, conheceram um desenvolvimento sem par na construção do mundo moderno. E também sem deixar de chamar a atenção para o facto de que alguns dos sectores das saídas profissionais, publicitados por algumas universidades como campo aberto para os licenciados em Humanidades, se cruzam, em parte, com os mesmos sectores que são declarados do âmbito próprio das Ciências Sociais. Então para que servem os cursos de Humanidades? Pergunto-me se não será esta a questão que, aflorando como verdade indiscutível na mente de muitos, leva pessoas e instituições a eliminar do seu horizonte a utilidade social de uma formação sólida e exclusiva no domínio das Humanidades.

3. A vocação das Humanidades

Quizás seja; ou, se não é, pelo menos parece. Veja-se o exemplo já referido da universidade de fundação recentíssima, que garante os seus créditos afirmando que se insere, por casualidade genética, no «Espacio Europeo de Educación Superior» e que «Desde entonces se han implantado las titulaciones que a día de hoy ofrece»²⁶. Com todo o respeito por essa opção, não deixa de ser uma das marcas inquietantes dos seus planos curriculares a total ausência das Humanidades. Ausência tanto mais preocupante quanto é oferecido um «Master Universitario en Metodología de Investigación en Ciencias Sociales, Jurídicas y Humanidades». «Master» com duplo grau em Humanidades, numa universidade que não possui um único «curso de grado» em Humanidades? Há, no entanto, um aspeto positivo a salientar neste «doble grado»: a importância reconhecida de viés às Humanidades, a ponto de as considerar necessárias para completar ou enriquecer a formação em «Investigación en Ciencias Sociales, Jurídicas», admitindo-se

²⁶ <http://www.uemc.es/p/la-uemc> (consultado dia 22-08-2016).

com isso que as Humanidades podem competir nos mesmos sectores de emprego que as Ciências Sociais.

Não se consegue, todavia, evitar a impressão desagradável de que as «Humanidades» são aqui incluídas por arrasto das «Ciencias Sociales». Não o são de certeza no sentido desse Humanismo que evoca o nome de Miguel de Cervantes. Também ele estará na designação da universidade apenas por ter sido habitante («vecino») de Valladolid durante um certo tempo. Este é um dos riscos que as Humanidades correm: serem banidas dos programas universitários em nome da sua suposta baixa empregabilidade, de critérios mercantilistas definidos *a priori* e da ventilada adaptação ao «espaço europeu».

Com estas observações não pretendo defender que as Humanidades devem desfrutar de um estatuto superior, imunes ao fluxo do tempo e da história. Já o próprio Cassiodoro, na obra acima citada, dizia «que os princípios de todas as artes liberais surgiram para proporcionar alguma utilidade»²⁷. As Humanidades, além de possuírem como património inalienável o bem supremo que é a formação primordial do ser humano, *ab utero*, abrindo-lhe o exercício da razão e da sensibilidade e facultando-lhe o domínio da eloquência e da escrita, guardam o acesso, no sentido mais rigoroso e exato do termo, ao maior tesouro de todos que é a cultura europeia. É essa a sua vocação. As Humanidades são europeias desde o início. E do início é europeu o espaço cultural que habitamos e construímos. A Cassiodoro, um dos construtores desse espaço, diríamos, por conseguinte, que tem toda a razão e que o útil das Humanidades foi terem sido e continuarem a ser a argamassa viva de que se constrói a Europa. E podemos ainda acrescentar que, ao longo dos tempos, as Humanidades transmitiram valores universais que, de um modo ou de outro, atravessaram mares e fecundaram outros continentes.

Por ser assim é que as universidades do «Espaço Europeu do Ensino Superior» mantêm as Humanidades nos seus cursos, variando embora a sua designação e até os que nelas se incluem. Uma das criações inovadoras, neste contexto europeu, foi a «Licenciatura em Artes e Humanidades». Curiosamente, com ou sem influência mútua e com várias formas de organização, espalhou-se um pouco por toda a parte: sinal evidente de

²⁷ *Utilitatis alicujus causa omnium artium exstitisse principia* (PL, 70: 1151C).

que a juventude estudantil dos nossos dias procura padrões de formação diferentes daqueles que, no passado ainda recente, talhavam os planos dos cursos pelo espartilho apertadíssimo do que se pensava serem as saídas profissionais mais seguras, praticamente reduzidas ao ensino. Sem entrar em pormenores, uma particularidade desse curso, seja na Faculdade de Letras de Lisboa, seja na Universidade de Cádiz, peculiaridade que merece ser notada, é que todos os departamentos do ramo ou domínio de «Artes e Humanidades» contribuem para a formação mais abrangente numa única licenciatura. O que implica que são explicitamente reconhecidas como parte das Humanidades as filologias, as literaturas, os estudos literários que elas incluem, a linguística, as línguas específicas, a história, a arqueologia, a filosofia, a história e filosofia da ciência e tecnologia, a ética, a religião e a teologia. Esta visão ampla é a que de forma não tão explícita está esculpida na fachada da Universidade de Valladolid. Talvez seja por aqui que passe a verdadeira preparação para uma empregabilidade em permanente mudança. Dou ainda como exemplo o sucesso de outra licenciatura que irradiou das Humanidades, a «Licenciatura em Estudos Gerais», inaugurada há cinco anos na Faculdade de Letras de Lisboa, cujo leque de opções, após um tronco comum definido, engloba o direito, a psicologia, as ciências políticas, a matemática, as ciências, as belas-artes, a economia e a gestão, integrando num só curso as Artes, as Letras, as Ciências Exatas e as Ciências Sociais²⁸. Talvez seja este apelo à diversidade e à liberdade de escolha o que mais tem fascinado os jovens dos tempos da «crise»: construir a sua própria vocação no que respeita às atividades a desenvolver no futuro.

É esta a linha de pensamento que, mais que em nenhuma outra, encontramos explicitada na apresentação dos cursos da «Faculté de philosophie, arts et lettres» da Universidade de Lovaina, na qual se nos depara uma das conceções mais abrangentes do ramo de Ciências Humanas, a ponto de incluir a Faculdade de Teologia, a de Direito e Criminologia, a de Ciências Económicas, Sociais e Políticas e da Comunicação, a de Gestão Empresarial, a de Psicologia e Ciências da Educação, e a de Filosofia, Artes e Letras. Em rigor, porém, segundo as tipologias mais usadas, só os cursos da Faculdade de Filosofia e Letras se integram na designação corrente de Artes e Humanidades. Aí se distingue de facto um leque de licenciaturas comum

²⁸ Cf. <http://www.letras.ulisboa.pt/pt/cursos/licenciaturas-1-ciclo/estudos-gerais>.

ao figurino das universidades de maior dimensão, sejam elas francesas, italianas, espanholas ou portuguesas: Filosofia, Línguas e Literaturas (*Langues et Lettres*), História da Arte, Musicologia e Artes do Espetáculo, Ciências e Tecnologias da Informação e da Comunicação. Deste modo, mesmo sem haver nenhuma referência à integração no Espaço Europeu do Ensino Superior, os cursos mencionados, e até as suas designações, são efetivamente comuns ao modelo seguido em outros países da Europa.

Há no entanto uma diferença que salta à vista na definição dos objetivos desses cursos em Lovaina. Não se promete empregabilidade nem se apresentam listas de áreas de atividade para as quais os alunos, ao saírem da licenciatura, devem estar aptos: docência, investigação, sector empresarial, sector editorial, carreira diplomática, animação cultural, relações públicas, administração pública, administração autárquica, jornalismo, indústrias culturais. Esta lista é apenas um apanhado das saídas profissionais prometidas no fim de vários cursos, tanto entre nós como no estrangeiro, que na realidade oferecem formações muito diferenciadas. Mas em nenhuma delas se diz que o essencial dessa formação, a sua autêntica e já milenar vocação, se destina a corresponder às exigências do ensino e da investigação nos nossos dias, «dans les vastes domaines de la réflexion philosophique et de la connaissance de l'homme»²⁹. Ou seja, o estudo do pensamento e da evolução histórica da humanidade, das suas línguas, das suas criações literárias e artísticas, não deve ser considerado, prioritariamente e em exclusivo, como um instrumento para obter um fim prático imediato. Sem pretender recuar até Séneca nem mesmo até Herder³⁰, o ensino das Humanidades não pode, em nome de uma adaptação inevitável às solicitações de ordem social e económica, prescindir em absoluto do património da tradição humanística como valor em si. É esse património o que enobrece as Humanidades e as distingue de outros ramos do conhecimento. Ninguém como Séneca exprimiu, de forma perene, essa relação entre ciência e formação de «um homem bom»³¹, ao refletir, do ponto de vista ético, sobre uma questão – para que serve o conhecimento? – que é formulada todos

²⁹ «nos amplos domínios da reflexão filosófica e do conhecimento do homem» (<http://www.uclouvain.be/17064.html>, consultado 10-09-2016).

³⁰ Cf. Hans-Georg Gadamer, *Verdad y Método*, Salamanca, Ediciones Sígueme, 1997, pp. 38-48.

³¹ *Ad Lucilium*, 88, 2, 9.

os dias na perspectiva utilitária: «Sabes o que é uma linha reta: mas qual é o teu proveito se ignoras o que é ser reto na vida?»³²

Outra prestigiada universidade da Europa central orgulha-se de reafirmar que, «disponibilizando embora licenciaturas e mestrados profissionais, a sua vocação principal continua a ser a transmissão de uma cultura geral de alto nível»³³. O que espera do seu magistério é o desenvolvimento «das capacidades de reflexão, da expressão escrita e oral, do conhecimento e da compreensão das civilizações»³⁴. Por esta via, claramente definida e assumida de forma categórica, tem em vista «a formação de indivíduos aptos a enfrentar as evoluções permanentes do mercado de trabalho, cidadãos simultaneamente lúcidos e ativos, e, enfim, estudiosos, para os alunos que desejem especializar-se, fazer progredir os conhecimentos científicos e, por sua vez, transmiti-los»³⁵.

Passando de França a Itália vamos encontrar o mesmo tipo de confiança e de autenticidade no discurso com que se pretende atrair alunos para as Humanidades. Aos candidatos ao ensino universitário é dirigida a pergunta «Perché studiare Lettere?», para os levar a refletir sobre si próprios no momento de escolher a área de estudos e o curso que irão determinar o seu futuro, não apenas do ponto de vista material, mas acima de tudo a realização da sua personalidade ou vocação profunda.

Para muitos a resposta passa por uma escolha intuitiva de ordem pessoal: «porque gosto de literatura». Trata-se de uma espécie de inclinação ou vocação indefinível, mas levada a sério, para o mundo da criação literária e artística, da cultura e de uma certa mundividência interiorizada. Para esses, pouco interessa acenar-lhes com a lista de eventuais lugares específicos no mundo do trabalho. Conscientes disso, os responsáveis do Curso de Letras de uma universidade italiana, ao publicitarem o curso, falam, como em Lovaina ou Paris, mais em termos de competências adquiridas do que em saídas profissionais. Referem, por exemplo, a preparação de base «nas disciplinas literárias, filológicas e linguísticas». É porque está interessado

³² «Scis quae recta sit linea: quid tibi prodest, si quid in vita rectum sit ignoras?» (*Ad Lucilium*, 88, 13).

³³ Sítio eletrónico de *Université Paris-Sorbonne (Paris IV)*, <http://www.paris-sorbonne.fr/fr/> (consulta feita em 10 de setembro de 2016. Tradução minha).

³⁴ *Ibidem*.

³⁵ *Ibidem*.

nessa formação que um aluno escolhe um curso de Letras. É-lhe dada a possibilidade de escolher disciplinas em domínios complementares, como a arqueologia, a filosofia e a história. Quando acaba o curso, está de posse de um conjunto de conhecimentos fundamentais da cultura do mundo antigo, medieval e moderno. São estes conhecimentos que tornam recomendáveis as suas competências em vários sectores da atividade relacionados com a produção e gestão da informação, nas bibliotecas, nos arquivos, na administração pública, na organização de eventos culturais, nos museus, nos institutos de cultura e nas secretarias das empresas de todo o género. A questão que se tem levantado é se o tecido empresarial está aberto à admissão de licenciados em letras nos seus quadros. Nos meios menos informados a cotação dos cursos de Letras e de Humanidades em geral está sujeita à influência nefasta de comentadores televisivos que opinam sem saberem do que falam e, às vezes, à falta de cultura de alguns empresários. Deve dizer-se que, quanto ao último aspeto, temos assistido a uma evolução positiva, extraordinária, nos últimos anos.

Seria gravemente omissivo se não incluísse nestas reflexões as do Balliol College da Universidade de Oxford, um dos maiores em Humanidades Clássicas – «Classics (Literae Humaniores)» –, sobre a formação intelectual que decorre dos seus cursos e as saídas profissionais que proporcionam. A designação *Classics*, equivalente neste caso a Estudos Clássicos, oferece cinco percursos que conduzem o aluno ao mundo greco-romano com aberturas para a receção dos clássicos no mundo moderno, ou partilham o estudo dos clássicos com os estudos ingleses, com outras línguas modernas ou com os estudos orientais. O que se promete é o interesse fascinante do curso e a sua excepcional qualificação: «At the end of your course you will not only have spent three or four years studying fascinating things: you will also be exceptionally well qualified for the world of work»³⁶. Mas em nenhum momento da publicitação do curso se encobre que ele não conduz diretamente ao exercício de uma determinada profissão, como é o caso do direito ou da medicina, embora, ao contrário do que acontece entre nós, «Classics graduates are very highly prized indeed by employers of all kinds»³⁷. O que mais se preza, efetivamente, num curso desta natureza é

³⁶ <https://www.balliol.ox.ac.uk/> (consultado em 28-08.2016).

³⁷ *Ibidem*.

a ginástica mental que se adquire em várias disciplinas e a flexibilidade intelectual: «In our world of rapid social and technological change, it is the capacity to react to new and unforeseen developments with flexibility which employers value most, and it is widely recognized that Classics and related subjects produce just the kind of graduate they are looking for, with an unparalleled capacity to adapt to new circumstances and learn new skills»³⁸.

Segundo esta forma de pensar, que não diverge das anteriormente analisadas, a empregabilidade depende mais da formação cultural e intelectual que do manejo de técnicas ou competências previstas para cada situação concreta. E o que se diz das clássicas aplica-se genericamente às licenciaturas do ramo das Humanidades. Para ser um pouco mais concreto, consideremos a seguinte situação. No elenco das áreas de empregabilidade prometidas no final do curso aos alunos de «Classics (Literae Humaniores)» de Oxford encontram-se itens como «Librarianship», «Academia», «Museums Work», «Journalism», «Management Consultancy», «Media», «Publishing», «Archive Work», «Arts Management», «Theatre and Performing Arts», que coincidem praticamente com os que constam de uma lista de saídas profissionais para o mestrado em Ciências da Documentação e Informação de uma universidade portuguesa: «Bibliotecas», «Museus», «Consultoria», «Arquivos», «Centros de documentação», «Gestão da Informação / Conhecimento», «Projetos de Organização do conhecimento». Mas será que um destes tipos de formação procura invadir o terreno do outro? Ambos têm a mesma legitimidade. A diferença é apenas sociocultural. Em Portugal um concurso, pelo menos no sector público, para um lugar desta natureza tende a ser anunciado com uma restrição preliminar: «Exige-se o curso disto ou daquilo». No Reino Unido não. O resultado é que entre nós foi possível, ao procurar numa biblioteca «*conventus pacensis*» (divisão administrativa romana), deparar com a remissão: «Ver mosteiros». Tal como é possível ouvir na comunicação social dizer que a orquestra tocou «sobre a direção do maestro», que alguém foi «de encontro a» quando, pelo seguimento da conversa, se deduz que queria dizer foi «ao encontro de», ou que uma atleta com dezasseis anos «ainda não consumiu o crescimento da juventude». As anedotas deste género passaram a fazer parte do

³⁸ *Ibidem.*

quotidiano dos portugueses. Um bom curso de humanidades *stricto sensu* não está, na maior parte dos casos, em desvantagem, devido à preparação intelectual e cultural, extensa, que proporciona, a começar por requisitos fundamentais como o domínio da expressão oral e escrita, a amplitude de conhecimentos e a experiência nos domínios em questão. Não pretendo desmerecer nenhuma licenciatura ou curso, qualquer que seja, mas apenas chamar a atenção para o merecimento das que se veem sistematicamente excluídas em nome de nada e sem razão.

Esta problemática não é do passado nem é fantasista; pelo contrário, está latente na apresentação dos cursos de Humanidades. Em grande parte das universidades assume-se um discurso que salienta acima de tudo a «formação». Os adjetivos variam entre «científica», «intelectual», «cultural», «teórica», «prática». Embora em algumas se enumere a preparação para o exercício da cidadania como um valor, raras são as que incluem nos seus objetivos a formação ética, que é expressamente referida no «curso de licenciatura em Comunicação Social e Cultural» da Universidade Católica Portuguesa em Lisboa. A «formação» que esse curso tem como objetivo proporcionar alia a qualificação técnica «para o desempenho profissional» à «consciência ética»³⁹. Sem falar de ética a Universidade de Lovaina apela ao mesmo fim com a referência a Erasmo, a Blaise Pascal e à «foi chrétienne de ses fondateurs»⁴⁰. Da parte da universidade laica, herdeira do liberalismo do século XIX, não se pode esperar tal tipo de declarações. Pode-se, isso sim, não abandonar de todo a referência aos valores humanísticos que foram o guia principal da história europeia. A pressão social que tem conduzido à captação desesperada de alunos, acenando com a empregabilidade dos seus cursos, tem levado à produção de um discurso omissivo quanto às garantias de uma formação intelectual de alto nível. Honra seja feita às universidades que não prescindem de proclamar como objetivo principal «fornire una preparazione moderna nella quale si conservi l'unità del sapere umanistico»⁴¹, ou assumem que «Una educación humanista resulta enriquecedora desde el punto de vista personal e intelectual, aviva el pensamiento crítico

³⁹ http://www.fch.lisboa.ucp.pt/site/custom/template/ucptpl_fac.asp?SSPAGEID=922&lang=1&artigoID=5663 (consultado em 10-09-2016).

⁴⁰ <http://www.uclouvain.be/17064.html>, consultado 10-09-2016).

⁴¹ <https://www.google.pt/#q=universit%C3%A0+di+roma+la+sapienza> (consultado em 11-09-2016).

y ofrece la distancia necesaria para formarse una opinión propia y comprender la complejidad del mundo atual»⁴².

Há outras universidades que respondem à pergunta retórica «Porquê estudar nesta universidade?», fazendo apelo à sua antiguidade, ao prestígio que isso lhe confere, ao conteúdo da formação, às infraestruturas e ao equipamento técnico de que dispõe, ao parque informático, e ao carácter interdisciplinar dos seus cursos. Perfeitamente legítimo.

Mas há outras que continuam a assumir que a cultura é a essência do ensino das Humanidades. À maneira de conclusão faço minhas as palavras da declaração de intenções, emanada da União Europeia, sobre a «Integração das Ciências Sociais e Humanidades no Horizonte 2020»:

«Horizon 2020, the EU's research and innovation programme, will fully integrate social sciences and humanities research into each of its priorities. This new policy priority is based on the insight that European social sciences and humanities (SSH), with all their diversity, are world class and that they are essential to ensure that Horizon 2020 delivers value and benefits to society. Implementing this priority requires an entirely novel way of cross-disciplinary cooperation»⁴³.

⁴² http://landingie.uie.edu/ie-university-esp?gclid=CKOGgOvUj88CFUE_Gwod2IkCDQ (consultado em 10-09-2016).

⁴³ «Integration of Social Sciences and Humanities in Horizon 2020: Participants, Budget and Disciplines».